

Manuel Alegre

‘Cada bom poema que se faz é uma derrota da indigência’

Agora chegado às livrarias, *Nada Está Escrito* (Dom Quixote) reúne os novos poemas de Manuel Alegre – só *Balada para Jesse Owens*, escrito nos tempos de Argel, é exceção. A realidade, e «a depressão coletiva» do País, entrou por estes poemas dentro. Agora, o escritor e político, 75 anos, está de regresso à prosa, às voltas com um futuro livro, «mais complicado do que os outros»: «Tenho dificuldade em explicar, mesmo a mim próprio, o que ando a escrever...»

POR PEDRO DIAS DE ALMEIDA

Como é o seu quotidiano, ou método, como poeta?

Posso estar muito tempo sem escrever e, depois, há uns ciclos em que escrevo com bastante intensidade. De uma forma geral, agora, os poemas aparecem feitos. Já passei o tempo do trabalho, de rasgar muitos cadernos e tal... Citando Rilke, a voz que se serve de mim é mais do que eu mesmo. Eu sou dos que acreditam na inspiração. Acho que na grande poesia há sempre uma iluminação. Escrevo muitas vezes à noite, naquela hora em que estamos quase a adormecer, e nos vem aquela toada, aquelas coisas lá do fundo...

Mas alguns poemas deste livro sugerem um poeta mais diurno, observador da vida na cidade...

Aconteceu aqui, é verdade. Ando muito a pé, aqui pelo bairro [mora perto do Areeiro, em Lisboa]. E vejo que a cidade mudou. Aquele poema «Nas ruas cheias de gente/vi as pessoas desertas», saiu-me assim de repente... Tenho visto, sobretudo na hora de ponta, as pessoas que passam sem olharem para ninguém, a olharem para dentro, a falarem sozinhas. Fenômenos que mostram uma depressão coletiva com diferentes expressões individuais. Há um estado de espírito que se exprime nas ruas. A cidade mudou: está mais triste, mais macambúzia.

Quando está mais envolvido na vida política ativa, por exemplo em campanhas, escreve menos, não?

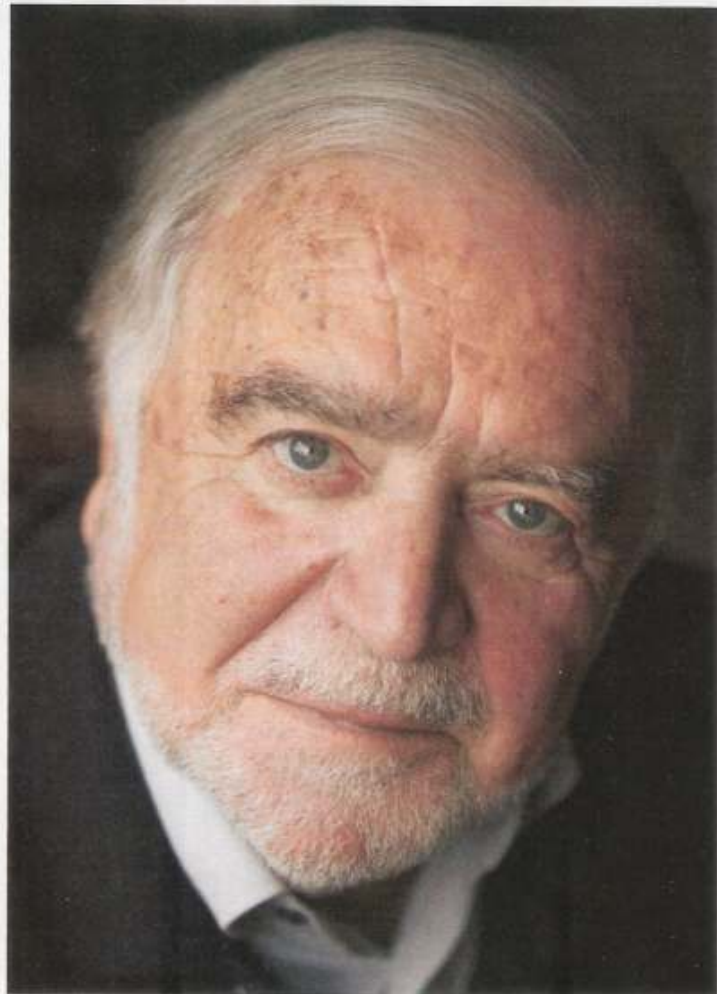
O poema quando rompe, rompe mesmo. Costumo dizer que se escreve poesia até na boca de um canhão. Já escrevi poesia em plena guerra, a ser interrogado pela Pide, numa cela, no exílio, até na Assembleia da República que não parece um local muito propício...

Tem a disciplina de escrever sempre que lhe ocorre um poema?

Já perdi poemas... Houve um período da minha vida em que escrevia muito de cabeça. Muitos dos poemas da *Praça da Canção* escrevi-os na cabeça, estava numa cela, não tinha com que escrever. Isso vê-se até na própria estrutura: tinham sempre uma certa oralidade: eu tinha que dizer o poema. Agora é uma questão de caneta e papel.

Logo no primeiro poema, *Balada dos Aflitos*, diz que «este, por certo, não é tempo de poesia». Os tempos não são todos de poesia?

Pois... Estava aqui a ler *A Terceira Miséria*, da Hélia [Correia], e ela,



‘Hoje, um pouco por toda a Europa, é muito difícil o diálogo entre as várias esquerdas, mas é mais difícil ainda mudar este estado de coisas sem que esse diálogo aconteça’

citando Hölderlin, pergunta «para que servem os poetas em tempo de indigência?». É uma pergunta que também faço... Cada bom poema que se faz é uma derrota da indigência. E a indigência está em todo o lado, não é só nessa aflição das pessoas, na crise... Está na linguagem. Há a cultura do número, taxas de juro, só se ouvem números, números... A economia e as finanças envolveram os discursos, com uma contaminação, degradação e pobreza da linguagem. A função da poesia é libertar a linguagem, desocupá-la, restituir à palavra a sua força primordial, mágica. Às vezes, apetece-me começar a dizer poemas às pessoas. «A poesia é para comer», como dizia a Natália [Correia].

Essa *Balada* é diretamente dirigida a essas pessoas tristes que vê nas ruas?

Há uma grande intertextualidade nesse poema. Há o Villon, do «*Frères humains qui après nous vivez*» [Ballade des Pendus], há o Camões, o Kaváfis, o António Nobre... Socorri-me deles para responder a uma aflição. Esse poema foi mesmo despoletado pela manifestação em Espanha e, depois aqui, dos indignados. É

gente que está aflita, mas que não tem, como havia no meu tempo, a chamada perspectiva revolucionária, um horizonte. Há uma vontade de mudar, mas depois tudo aquilo se desagrega. Também é verdade que não há respostas muito claras para esta situação... Talvez a poesia seja uma forma de dar um sentido, uma expressão a esses movimentos. Isso aconteceu aqui, durante a ditadura. Nós tínhamos necessidade de poesia. Havia um livro novo do Eugénio, ou da Sophia, ou do Cesariny, e fomos todos ler. A poesia era partilhada.

E sabiam o que queriam: derrotar a ditadura...

Havia uma esperança. Sabia-se que derrubando a ditadura haveria uma série de mudanças na sociedade, como veio a acontecer. E havia a percepção de que a solução dos muitos problemas individuais passava por uma solução social, coletiva. Neste momento há muito mais individualismo.

Em dois poemas parece inevitável ouvir um eco da sua derrota nas presidenciais. Em *Glória de Perder e Mea Culpa*. É uma leitura legítima?

Acho que não... A *Glória de Perder* é sobre uma figura que sempre me impressionou: o Prior do Crato. Foi uma figura controversa, e a derrota dele, na altura, foi a derrota de Portugal. Mas, não raramente, essas derrotas têm a sua glória. Há derrotas que têm, em si, pelo menos, a grandeza do tipo que resistiu e se bateu.

E o *Mea Culpa*?

É uma provocação. Mas tem mais a ver com os circuitos literários... Já digo isso [«Desculpem lá se tenho biografia», primeiro verso do poema] há muito tempo. Houve aí uma altura, dominada pelo estruturalismo, em que havia o culto do texto pelo texto... E havia quem dissesse que a minha poesia estava demasiado marcada pela minha biografia... Tudo está marcado, inevitavelmente, pela nossa biografia, e a minha foi bastante agitada, de facto. Isso era uma discussão muito presente na minha geração, e eu quase era excomungado por ter biografia, não andar aí escondido. Há os aparelhos, e sectarismos, políticos e também há os literários... Muitas vezes mais ferozes.

Essas suas derrotas, então, não se encontram aqui...

É preciso distingui-las. A primeira derrota soube a vitória. E a segunda também não a encaro tanto como uma derrota...

Pelo que disse agora, no prefácio ao livro de Alfredo Barroso [*A Crise da Esquerda Europeia*],

Resposta Em verso

Manuel Alegre ofereceu um exemplar de *Nada Está Escrito* a Vasco Graça Moura. Na volta do correio, recebeu, «com um abraço», este poema, que a VISÃO revela

Sobre um livro de Manuel Alegre

Manuel Alegre deu o dito por não dito quando escreveu «nada está escrito» (e eu repito)

Nele, o poema é o som e o sentido de um problema vivido (e eu não duvido)

Voz que afirma ou nega à tona e no fundo, joga à cebra-cega e desvenda o mundo (e eu o secundo)

Voz que entrelaçou o feio e o bonito, o mais chão, o voo, o não dito e o dito (e eu acredito)

até está satisfeito por ter perdido...

Isso foi outra provocação... O que me impressionou na minha segunda candidatura foi o esforço que foi feito, pelas forças dominantes, para desvalorizar a própria campanha presidencial. Essa tentativa revoltou-me, indignou-me. E esse esforço, acredito, foi intencional. Agora percebo melhor: com esta crise toda terem que lidar com um Presidente apoiado pelo Bloco, e com fama de ser um tipo da esquerda... Ia estragar muito o jogo político.

Para si também seria um papel difícil...

Sem dúvida... Mas alguma coisa faria neste contexto, não sei bem o quê... Até poderia provocar um sarilho desagradável para o País...

O título *Nada Está Escrito* pode ser lido como um manifesto político?

A ideia primordial da esquerda de que podemos mudar o nosso futuro...

Eu diria que é mais um manifesto poético... Cada vez que se escreve tem-se a sensação de que se está a escrever pela primeira vez. Mas também tem essa leitura: fazemos o nosso destino.

Uma pergunta que, na verdade, é sua, colocada no tal prefácio: neste contexto histórico como é que a esquerda não capitaliza nas eleições?

Esse é o grande paradoxo do nosso tempo. E isso acontece porque as esquerdas que estiveram no poder na Europa deixaram-se contaminar por uma ideologia neoliberal. Hoje, um pouco por toda a Europa, é muito difícil o diálogo entre as várias esquerdas, mas é mais difícil ainda mudar este estado de coisas sem que esse diálogo aconteça. Eu já tentei, e paguei por isso... Há uma autocritica que os socialistas têm que fazer. Do Partido Comunista já nem digo nada... O PCP, o Bloco e os outros deviam pensar quais foram as consequências de tudo isto: termos a direita no poder numa altura em que tudo era propício para que a esquerda fosse alternativa. Criou-se uma hegemonia cultural e ideológica de direita, no sentido de fazer crer às pessoas que não há outras soluções...

Que tudo está escrito...

Que tudo está escrito... Fomentar o conformismo, ter as pessoas a amochar... Isso passa pelas televisões, os jornais, os comentadores. Para voltarem ao poder, os partidos socialistas, e outros de esquerda, têm que travar uma luta ideológica – e também entre eles... Tem que haver um debate ideológico do PS com o PCP e o Bloco, para se saber o que é que se quer, qual é a perspectiva... Eu tentei, e vou continuar a tentar. E vejo camaradas meus, jovens, que fizeram a minha campanha, com um pensamento estruturado...

Vê alguns indícios desse futuro no PS de António José Seguro?

Vejo uma certa consciência de que algo tem que ser mudado, mesmo se não se sabe bem como nem em que sentido... Temos sempre presente, agora, a questão do memorando: mas este Governo vai muito além do memorando, tem uma agenda ideológica clara, liberal.

E o PS está inevitavelmente preso a esse memorando...

Estão presos mas devem ir-se libertando a pouco e pouco. Para já, têm que estabelecer uma diferença entre o que é o memorando e o que vai para além dele nas ações do Governo... É preciso dizer que o memorando não é um texto sagrado. Eu sou um homem livre. Não sou um aparelhista, nunca fui. Também fui do PCP e já era a mesma trapalhada... Tenho dificuldade em compreender a disciplina pela disciplina, talvez por ser poeta, também. ■